

O ESPAÇO NOS CONTOS DE RICARDO RAMOS: DO TÓPICO AO UTÓPICO

Maria Luiza Guarnieri Atik
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Todo texto ficcional se inscreve num espaço tópico ou utópico, real ou imaginário, aberto ou fechado. Em algumas narrativas, a espacialidade permanece vaga, diluída em relação aos outros componentes, como foco narrativo, personagens, tempo e etc. Em outras, ao contrário, o espaço se sobrepõe, tornando-se “prioritário e fundamental no desenvolvimento da ação, quando não determinante”¹. Uma terceira hipótese, como bem assinala Antônio Dimas,

é a de ir-se descobrindo-lhe a *funcionalidade* e *organicidade* gradativamente, uma vez que o escritor soube dissimulá-lo tão bem a ponto de harmonizar-se com os demais elementos narrativos, não lhe concedendo, portanto, nenhuma prioridade².

Nas narrativas contemporâneas acentua-se a problematização da categoria espacial. Aos espaços concretos se contrapõem espaços imaginários e abstratos. Coexistem, ainda, gradações variadas na sua representação e o grau de precisão ou imprecisão não nos permite, muitas vezes, apreender de imediato sua funcionalidade no plano da microestrutura.

Outra categoria narrativa com a qual o espaço estreitamente se articula é o tempo. “Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo”³. A fusão dos indícios temporais e espaciais num todo compreensivo e concreto caracterizam, segundo Bakhtin, o cronotopo artístico-literário.

Partindo do binômio espaço-tempo, o interesse analítico desse estudo volta-se para o universo ficcional de Ricardo Ramos. Cotejando alguns contos constata-se que os espaços urbanos se constroem, muitas vezes, a partir do olhar dos protagonistas e que lugares

¹ DIMAS, Antonio. *Espaço e Romance*. São Paulo: Ática, 1994, p.6.

² Ibidem, p. 6.

³ BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética (A teoria do romance)*. São Paulo: UNESP, 1998, p. 211

geograficamente delimitados, com suas superfícies, proporções e contornos, ampliam-se e transfiguram-se pela projeção de outros espaços latentes na memória dos protagonistas.

No conto “O pífano e as árvores”, texto escolhido para essa comunicação, não há lugares amorfos, estratificados ou um cenário que não participe da ação narrativa e de sua evolução. Assim, como não há acontecimentos e marcas temporais que sejam indiferentes aos locais de sua realização. Cada espaço tem sempre uma marca histórica, quer em relação à história da humanidade, quer em relação à história do protagonista. E cada deslocamento espacial implica, de certo modo, uma reorganização da estrutura temporal, ou melhor, uma reorganização de lembranças próximas ou distantes, pois à medida que estas incidem no momento presente, colocam em xeque a identidade dos sujeitos.

O primeiro sintagma narrativo do conto em questão, “acordou com o som do pífano”, marca o início do processo de cisão do sujeito. Ao atravessar as janelas do apartamento no vigésimo quinto andar, o imprevisível som provoca, num primeiro momento, um efeito de estranhamento, transformando-se, logo a seguir, num estímulo de busca das raízes familiares, do passado, das lembranças obliteradas na memória.

Dividido entre a sedução evocatória do som do pífano e os atos rotineiros do presente, o sujeito passa a questionar seu estágio atual de percepção do mundo. “Por que agora, aqui? Por que só agora, há tantos anos, tantos? Por que até aqui, de tão distante, tão estirado caminho? [...] Teria ouvido mesmo? Claro que sim, acordara com a música. Uma coisa rude, aguda, insistindo primitiva”⁴. O cenário urbano da metrópole não era propício para o aparecimento do pífano. “Não havia árvores com sombra, que projetasse na calçada o seu rendilhado feito nódoa, móvel, capaz

⁴ RAMOS, Ricardo. *Os melhores contos de Ricardo Ramos*. Seleção de Bella Jozef. São Paulo: Globo, 1998, p. 90.

de esconder. Ou simplesmente baralhar os negrumes da noite. O pífano viria sem elas, nitidamente?”⁵

A história do pífano entoando uma melodia entrecortada, que ecoava como algo inexplicável, pertencia ao passado, às lembranças de seu avô. “A história se dava bem com uma cidade pequena, de casas e jardins, calçadas estreitas, as copas das árvores dançando ao vento”⁶. A mistura de vozes, de tons e de tempos vaticina, contudo, um dia diferente e imprevisível. De imediato, o protagonista impõe-se atos rotineiros: escova os dentes, barbeia-se, toma banho, veste-se, toma café e sai para o trabalho. Porém, o contato com a paisagem urbana e com a claridade do dia tornam-se determinantes para o início de sua inquirição, de sua caminhada, rumo a um passado ainda “não sabido”, mas que vinha ao seu encontro.

O deslocamento do protagonista se realiza em dois planos justapostos. O primeiro é aparente e perceptível, porque se funda na concretude da paisagem urbana, na vivência do tempo presente. O segundo, é o da imagem de um passado remoto que tenta reviver: “a cidadezinha de um pequeno avô, ainda encontrada pelo pai, mas dele já perdida”, como um cromo esmaecido, “se apagando em vibrações distantes, ela e o seu urdido sortilégio”⁷.

A cidade “alta, vertical, cinzenta, sem chão nem verde”⁸ fizera-o esquecer a outra, com seu trançado matizado de muitos verdes, dos jardins, dos quintais, das plantações, das alamedas e dos bosques. A cidade, que fizera à sua imagem, crescera e tornara-se adulta como ele no momento presente.

A simbiose entre ele, adulto, e a cidade grande não lhe permite, contudo, atinar com a própria identidade. Na esteira da auto-análise, continua sua caminhada pela cidade em busca da

⁵ Ibidem, p. 90.

⁶ Ibidem, pp. 90 e 91.

⁷ Ibidem, p. 92.

⁸ Ibidem, p. 93.

praça arborizada, onde um “tocador de pífano se esconderia”, ou melhor, em busca da praça de sua infância, do espaço “feliz”.

Não há, na estrutura narrativa, um trecho propriamente dito. É o cronotopo que faz as vezes do fio narrativo. Em seu percurso pelos bairros da cidade, o protagonista registra, visualmente, a paisagem urbana, ao mesmo tempo que transita das impressões do momento presente para a descoberta pessoal das cores e formas, para a busca do significado de ser e estar no mundo.

Em seu percurso, o protagonista encontra, primeiramente, uma praça, “que deserta de árvores era só relvado”. Passeia “pelo seu quadrado no meio dos prédios”, mas o sentimento que experimenta é o de “ausência de ligação entre os pés e a relva, ausência de sombra aonde ir”⁹. Segue então adiante, procurando pelas árvores. No bairro residencial, as casas com seus jardins lhe permitiam ver apenas as copas distantes, ramos e galhos “que se enviesavam por trás dos telhados”¹⁰. Essa massa indistinta não o satisfaz.

Novamente, as reminiscências invadem o tempo presente e remoendo sombras e sons, o protagonista busca “uma razão escondida, perdida”¹¹. Talvez o pífano fosse o fio condutor.

Depois de uma ou duas horas, chega ao bairro dos edifícios luxuosos, com suas “escadarias”, fachadas de mármore, “estilos variados e discreto bom gosto”¹². Novamente, o trajeto é balizado por uma série de impressões visuais: flores “pontilhavam” entre “palmeiras nanicas e touceiras”; jardins ornamentais serviam para “serem vistos da calçada ou de cima”¹³, e verdes, com gradações variadas, apenas para descansar a vista.

⁹ Ibidem, p. 92.

¹⁰ Ibidem, p. 93.

¹¹ Ibidem, p. 93.

¹² Ibidem, p. 93.

¹³ Ibidem, pp. 93 e 94.

Não era apenas o verde o que buscava. Gostava da paisagem de pedra, das grandes avenidas, dos espaços abertos, dos centros comerciais, industriais e residenciais. Gostava da vida dinâmica e diversificada das metrópoles. Mas, logo a seguir infere: “As cidades eram irreversíveis, cresciam, cobriam campos, apagavam a memória do que existira”¹⁴.

O crescimento irreversível das cidades em consonância com irreversibilidade do tempo traz à tona outros questionamentos: Qual seria o seu fim? Era razoável gastar um dia inutilmente, andando sem destino? E a tarefa “quase inadiável” que não cumpriu, alteraria alguma coisa? “Por que então os mesmos gestos, às mesmas horas, balizando o que ninguém reparava?”¹⁵. Como não encontra respostas, volta-se para o imediato, para o pífano, para a sombra na terra.

O *continuum* espaço-temporal perdura na evolução da narrativa. O protagonista afasta-se, então, da zona do centro. Constata que os bairros distantes mantêm os mesmos contornos, as ruas de ligação, as casas, as praças, os canteiros, “só as cores mudando, aqui e ali um formato diverso, mas que resultava circunscrito, fechado e semelhante”. E imediatamente infere: “Quem anda chega ao mesmo lugar”¹⁶. Ao descompasso entre o passado e o aqui e agora soma-se, pois, a dúvida da procura. À busca da própria identidade soma-se uma situação enigmática: sonho, alucinação ou realidade?

Oscilando ente certezas e dúvidas, o protagonista se dá conta de sua inadequação à realidade. As pessoas não andavam mais pela cidade, estavam sempre em trânsito, “saindo e chegando, passando, apenas ele regressava ao caminhar”¹⁷. Os horários impostos pelo trabalho, os encontros e festas promovidos pelos amigos, a verticalização da metrópole e as vias expressas impuseram novos hábitos. Sente-se um infrator à solta, sem saber o que dizer se alguém o

¹⁴ Ibidem, p. 94.

¹⁵ Ibidem, p. 96.

¹⁶ Ibidem, p. 96.

¹⁷ Ibidem, pp. 96 e 97.

detivesse. Como explicar que faltara ao trabalho em busca do pífano, em busca das sombras das árvores. Vistas as coisas sob este prisma, tinha certeza que o tomariam por louco.

Por outro lado, as dúvidas implícitas no processo de busca jamais transcendem a esfera individual. E no espaço do presente, o tempo que continua envolvendo e provocando o protagonista com maior intensidade é o do passado. A situação inicial, recorrente ao longo do entrecho, ao mesmo tempo que funda a circularidade da narrativa, vaticina o desfecho da perquirição do sujeito: “Ouvira acordado, se levantara, aquilo parara e repontara, depois da janela aberta, exatamente como seu avô contava e seu pai confirmara”¹⁸.

Continuou palmilhando a cidade, porém o entardecer, o subúrbio distante, o lugar ermo e desconhecido causavam-lhe uma sensação de insegurança e de medo.

“Apressou o passo pelas ruas desertas. E lá no fim da última que lhe parecera quase um beco e sem saída, viu a pequena praça, as árvores, o velho recanto esquecido. Seguiu com a sensação de um fim de linha. A pracinha ficara, só de contramão e sem importância. [...] Ele chegou e foi entrando, entrava na praça, no tempo, atravessava os seus primeiros metros de relva, de areia e assim cruzava um pórtico, uma época, ele via aquilo feito resíduo, o resto do que nunca fora, [...], o avô, o pai, os dois estavam ali, estavam no entanto mortos, suas vozes, seus gestos, [...] vibrando, impressos, o que permanece se achava ali, encontrara, aquele o lugar restando e intato”¹⁹.

Ao transpor os primeiros metros de relva, consegue cruzar um espaço interdito. A partir desse momento, instaura-se, de fato, o rito de passagem. Como a pequena praça, que ficara de

¹⁸ Ibidem, pp.97 e 98.

¹⁹ Ibidem, p. 98.

contramão na história da cidade, ele também tinha caminhado na contramão do espaço e do tempo presente. O resgate de suas raízes e da própria identidade dá-se, contudo, dentro de uma atmosfera onírica e paradoxal. Encantado, ele olhava as “rendilhas que a trama dos ramos fazia no chão”²⁰. O som do pífano ressurgiu, tornou-se mais próximo, avivando o tema musical de outrora. A princípio, não reconheceu o menino que o fitava, mas a imagem foi vagarosamente se tornando nítida, ao rememorar “álbuns de retratos, lembranças e espelhos”. Ficou ouvindo a música e olhando. “Os olhos que viam o menino brilhavam de entendimento, eram opacos de sem razão”²¹.

Logo, o espaço e o tempo revisitados, em confronto com o presente, mantêm o efeito de estranhamento inicial, ou seja, a situação enigmática: realidade, sonho ou alucinação? Cabe ao leitor tentar decifrar o desenlace imprevisto.

Em “O pífano e as árvores”, como em outros contos de Ricardo Ramos, a realidade é estímulo e ponto de partida para os mais diversos questionamentos. Cada um vive a sua solidão, auscultando a própria perplexidade da existência. No conto em questão, o protagonista, sentido-se cada vez mais estranho ao local que habita e a si mesmo, passa a encarar a realidade como um espaço “hostil” e, como decorrência, parte em busca do espaço ideal, lugar do desejo e da imaginação. E é através da rememoração que o protagonista liberta-se da obra do tempo.

²⁰ Ibidem, p. 98.

²¹ Ibidem, p. 99.